



DACEC Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 10/07/2020 a 16/07/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
10/07/2020	8,91	290,80	28,11	5,35	3,40
13/07/2020	8,76	283,10	27,97	5,24	3,34
14/07/2020	8,82	283,70	28,28	5,24	3,34
15/07/2020	8,86	285,80	28,80	5,50	3,26
16/07/2020	8,93	287,00	29,27	5,35	3,30
Média	8,86	286,08	28,49	5,34	3,33

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	105,00	
RS – Não Me Toque	104,00	
RS – Londrina	97,50	
PR – Cascavel	97,00	
MT – Sorriso	103,00	
MS – Maracaju	109,00	
GO - Rio Verde	95,00	
BA – L.E.Magalhães	102,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	52,00	CIF
Porto de Paranaguá	49,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	43,00	
SC – Rio do Sul	44,00	
PR – Cascavel	41,00	
PR – Londrina	42,00	
MT – Sorriso	33,00	
MS – Maracaju	38,00	
SP – Itapetininga	48,00	
SP – Campinas	52,00	CIF
GO – Rio Verde	39,00	
GO – Jataí	40,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	56,00	
RS – Não Me Toque	54,00	
PR – Londrina	58,00	
PR – Cascavel	60,00	

Período: 15/07/2020

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 16/07/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	43,92	105,56	54,43

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
16/07/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	61,55
Feijão (saco 60 Kg)	192,35
Sorgo (saco 60 Kg)	36,20
Suíno tipo carne (Kg vivo)	4,16
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,48**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,51

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Junho/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações em Chicago continuaram firmes, porém, apresentaram um pequeno viés de baixa nesta semana, não conseguindo, mais uma vez, romper o teto dos US\$ 9,00/bushel para o primeiro mês cotado, que passa agora a ser agosto. Desta forma, o fechamento deste mês, nesta quinta-feira (16), ficou em US\$ 8,93/bushel, contra US\$ 8,98 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 10/07, acabou consolidando o aumento da produção estadunidense. O mesmo trouxe as seguintes informações para 2020/21:

- produção da nova safra estadunidense projetada em 112,5 milhões de toneladas;
- estoques finais estadunidenses em 11,6 milhões de toneladas, quase um milhão a mais do que o indicado em junho;
- produção mundial de soja em 362,5 milhões de toneladas;
- estoques mundiais de soja em 95,1 milhões de toneladas, quase 1,3 milhão a menos do que o indicado em junho;
- produção brasileira de soja em 131 milhões de toneladas;
- produção argentina de soja em 53,5 milhões de toneladas;
- importações chinesas de soja mantidas em 96 milhões de toneladas;
- preço médio do bushel de soja aos produtores estadunidenses em US\$ 8,50, contra US\$ 8,55 estimado para 2019/20.

Na prática, o clima dos EUA continua normal e favorável à soja, podendo elevar a produção final da oleaginosa se assim o continuar. Mesmo assim, o governo local reduziu para 68% as condições das lavouras entre boas a excelentes até o dia 12/07, com outros 25% em condições regulares e 7% entre ruins a muito ruins. Por sua vez, 11% das lavouras estão com formação de vagens, contra 10% na média histórica.

Já os embarques semanais de soja por parte dos EUA somaram 483.331 toneladas, ficando dentro do que o mercado esperava. O total do ano comercial soma 37,9 milhões de toneladas, contra pouco mais de 38 milhões no ano anterior nesta época.

A redução dos índices das condições das lavouras ajudou a manter os preços da soja elevados em Chicago. Afinal, o clima nos EUA continua sendo o elemento central do mercado até o início de setembro. Por enquanto, para esta segunda quinzena de julho as projeções climáticas são de clima normal por lá.

Vale ainda destacar que o mercado acompanha o movimento dos Fundos especulativos, os quais estão bastante presentes no mercado futuro da oleaginosa.

Por outro lado, a Associação Nacional das Processadoras de Oleaginosa dos EUA indicou que o esmagamento de soja naquele país, em junho, ficou em 4,55 milhões de toneladas. O número veio dentro das expectativas do mercado. Porém, o volume é menor do que o registrado em maio, mas superior as 4,33 milhões de toneladas de junho de 2019.

Pelo lado da demanda, a China importou, em junho, 71% acima do que havia comprado no mesmo mês do ano anterior, com forte presença da soja brasileira. O

país asiático comprou 11,2 milhões de toneladas no mês passado, contra 6,5 milhões em junho de 2019. O volume deste mês de junho foi 19% superior ao adquirido em maio do corrente ano. Esta forte presença chinesa no mercado, após o auge da pandemia do coronavírus naquele país, sustenta em muito as cotações da oleaginosa em Chicago. Para julho o mercado esperada compras chinesas ao redor de 10 milhões de toneladas, mesmo com estoques importantes existentes na China neste momento.

A soja brasileira foi privilegiada pelos chineses no mês passado porque, além de barata em dólares, devido a forte desvalorização do Real, as margens de esmagamento no país asiático estavam favoráveis.

No Brasil, com um câmbio acima de R\$ 5,30 por dólar e prêmios igualmente acima de US\$ 1,00/bushel, os preços continuam firmes e até subindo em algumas praças, caso do Rio Grande do Sul, onde há escassez do produto devido a quebra em cerca de 50% da última safra.

Assim, a média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 105,56/saco, batendo novo recorde histórico nominal. Nas demais praças nacionais a soja ficou entre R\$ 97,00 e R\$ 97,50/saco no Paraná; R\$ 103,00 em Sorriso (MT) e R\$ 109,00 em Maracaju (MS), em valores CIF, R\$ 95,00 em Rio Verde (GO) e R\$ 102,50 em Luís Eduardo Magalhães (BA).

A Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec) espera que o Brasil exporte, em julho, algo em torno de 8,92 milhões de toneladas de soja. Já para o farelo a expectativa é de vendas externas em 1,86 milhão de toneladas. Em se confirmando este volume, o total em sete meses chegaria a 70,4 milhões de toneladas em grãos de soja e 10,2 milhões em farelo.

O que preocupa a cadeia da soja brasileira é a pressão das empresas internacionais e os Fundos de Investimento em relação ao descontrole do governo sobre o desmatamento e as queimadas na Amazônia. O risco de se perder mercados para o próximo ano, em função disso, é grande se o governo brasileiro não assumir uma atitude mais responsável a respeito da questão ambiental, inclusive com troca do ministro do Meio Ambiente.

Por outro lado, chama a atenção o fato de o Brasil estar aumentando suas importações de soja para abastecer o setor moageiro. Em junho, o país comprou 89.760 toneladas, procedentes do Paraguai, mais do que o dobro comprado em maio e o maior volume para junho desde 2016. Isso se deve à forte exportação, devido a preços interessantes, e à quebra de safra no sul do país, particularmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A demanda por óleo de soja também vem subindo, inclusive para exportação. Nos primeiros oito dias de julho o Brasil já havia importado 45.700 toneladas de soja, superando largamente o que havia comprado em todo o mês de julho do ano passado. Para todo o mês de julho o Brasil poderá importar 135.000 toneladas de soja segundo estimativas. Somando maio, junho e os primeiros dias úteis de julho, o total importado pelo Brasil, em soja, atinge neste ano a 178.500 toneladas, superando em muito o que foi comprado no ano passado neste período.

A opção pela importação, especialmente por empresas do sul do país, está no fato de que os preços no interior brasileiro seguem muito elevados, com a oferta escassa.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago recuaram nesta semana. O bushel do cereal fechou o primeiro mês cotado em US\$ 3,30 na quinta-feira (16), contra US\$ 3,51 uma semana antes.

Um dos principais motivos deste movimento esteve no relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 10/07. O mesmo indicou o seguinte para o milho, no ano de 2020/21:

- uma safra estadunidense em 381 milhões de toneladas, contra as 406 milhões indicadas em junho, porém, mesmo assim bem superior as 345,9 milhões do ano anterior;
- estoques finais estadunidenses em 67,3 milhões de toneladas, ante 84,4 milhões indicados em junho, porém, ainda muito acima das 57,1 milhões de toneladas registradas no ano anterior;
- produção mundial de milho em 1,163 bilhão de toneladas, igualmente em recuo em relação a junho mas superior ao ano anterior;
- estoques finais mundiais em 315 milhões de toneladas, contra 312 milhões no ano anterior;
- produção brasileira e argentina respectivamente em 107 e 50 milhões de toneladas;
- exportações brasileiras em 38 milhões de toneladas.
- preço médio ao produtor de milho dos EUA em US\$ 3,35/bushel, contra na US\$ 3,60 na estimativa para 2019/20.

Por sua vez, as condições das lavouras entre boas a excelentes foram reduzidas para 69% do total, enquanto as regulares ficaram em 23% e as ruins a muito ruins em 7%. Mas isso não foi suficiente para manter as cotações em elevação.

Por outro lado, na semana encerrada em 09/07 os EUA embarcaram 902.623 toneladas de milho, sendo que este volume ficou dentro do esperado pelo mercado. Os embarques no atual ano comercial acumulam 35,2 milhões de toneladas, contra mais de 43 milhões no mesmo período do ano passado.

Mesmo com as dificuldades comerciais e políticas entre EUA e China, os asiáticos estão comprando bastante grãos do país norte-americano, sustentando as cotações nos atuais níveis. Se não fosse isso, diante da produção mundial existente e projetada, os mercados de soja e milho estariam com níveis muito abaixo do atual em Chicago.

No mercado interno brasileiro, os preços se mantiveram relativamente estáveis. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 43,92/saco, enquanto nas demais regiões do país os preços assim ficaram: R\$ 44,00 na região central de Santa Catarina; R\$ 41,00 a R\$ 42,00 no Paraná; R\$ 33,00 em Sorriso (MT); R\$ 38,00 em Maracaju (MS); R\$ 48,00 em Itapetininga (SP) e R\$ 52,00 no CIF Campinas (SP); R\$ 39,00 a R\$ 40,00/saco em Goiás.

Os preços seguem firmes especialmente nas regiões onde houve ou está havendo frustração de safra, caso do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo em especial. E isso, mesmo com o avanço da colheita da safrinha. Além disso, com o atual câmbio as exportações continuam sendo estimuladas e sobra bem menos produto no mercado interno. Mas não se pode descartar um recuo nas cotações nos próximos 60 dias diante do aumento da colheita da safrinha.

Neste sentido, é bom lembrar que há muito milho para entrar no mercado oriundo da safrinha já que sua colheita, confirmando a tendência, está atrasada. Enquanto a mesma irá até o início de agosto em Goiás, no Mato Grosso do Sul apenas 2,1% da área havia sido colhida até o início desta semana, contra 22,7% no mesmo período do ano passado e 15,5% na média histórica. No Mato Grosso a colheita atingia 61% da área até o dia 10/07, sendo que 87,1% da safra 2019/20 já estava comercializada naquele Estado, e 41% da nova safra 2020/21 igualmente já estava vendida, contra apenas 10% na média histórica.

Ainda no Mato Grosso, com base no mês de junho, a safra 2020/19 foi negociada a um preço médio de R\$ 31,58/saco, enquanto a de 2020/21 chega a R\$ 30,06/saco.

Já na B3, o vencimento julho ficou em R\$ 49,76/saco, setembro em R\$ 47,00, novembro em R\$ 48,10 e janeiro em R\$ 50,09/saco.

Em termos de exportação, nos oito primeiros dias úteis de julho o Brasil exportou 809.410 toneladas de milho, ficando 132% acima do que foi embarcado em junho. Mesmo assim, em relação à média diária de julho do ano passado, as exportações ficaram 60,7% menores. O preço da tonelada de milho exportada recuou 6,2% em relação a julho do ano passado, ficando agora em US\$ 161,20. A expectativa é de que o país exporte 5,5 milhões de toneladas de milho em julho, atingindo a 8,1 milhões no total dos sete primeiros meses do ano. Para chegar a um mínimo de 30 milhões de toneladas em 2020, nos próximos cinco meses a média de exportação mensal deverá crescer para algo em torno de 4,5 milhões de toneladas.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago subiram fortemente durante esta semana, dando seguimento ao movimento da semana anterior. O fechamento, para o primeiro mês cotado, nesta quinta-feira (16), ficou em US\$ 5,35/bushel, após US\$ 5,50 na véspera e US\$ 5,26 uma semana antes. A cotação de US\$ 5,50 não era vista há três meses.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 10/07, apontou uma safra total nos EUA, para 2020/21, em redução para 49,6 milhões de toneladas, perdendo quase dois milhões de toneladas em relação ao indicado em junho. Já os estoques finais estadunidenses ficariam em 25,6 milhões de toneladas, praticamente sem alterações quanto a junho. Em termos mundiais, a produção total está agora projetada em 769,3 milhões de toneladas, com um recuo de quatro milhões de toneladas sobre junho. Os estoques finais mundiais ficam em 314,8 milhões de toneladas. A produção da Argentina seria de 21 milhões, ficando 14,5 milhões de toneladas para exportação. Quanto ao Brasil, espera-se uma produção de 5,7 milhões de toneladas e importações de 7,1 milhões de toneladas do cereal para este ano 2020/21. O preço médio ao

produtor estadunidense de trigo, para o ano citado, ficaria em US\$ 4,60/bushel, contra US\$ 4,58 na estimativa para 2019/20.

Em termos de exportação, na semana anterior os EUA exportaram 624.211 toneladas, superando as expectativas do mercado, fato que ajudou a fortalecer as cotações. No acumulado do ano comercial o país exportou 3 milhões de toneladas, ficando praticamente no mesmo volume de igual período do ano passado.

A colheita do trigo de inverno nos EUA, até o dia 12/07, chegava a 68% da área total, contra 66% na média histórica. Ao mesmo tempo, as condições das lavouras de trigo de primavera estavam com 70% entre boas a excelentes, 24% regulares e 6% entre ruins a muito ruins.

Por sua vez, a Alemanha, segundo maior produtor de trigo da União Europeia, informou que sua produção do cereal sofrerá um recuo de 6% neste ano, ficando em 21,6 milhões de toneladas, em função de problemas climáticos. Ao mesmo tempo, a produção da Rússia foi novamente reduzida, devendo ficar agora em 79,7 milhões de toneladas.

Aqui no Brasil, os preços se mantiveram firmes. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 54,43/saco, enquanto no Paraná o mesmo chegou a atingir a R\$ 60,00/saco no oeste. Em Santa Catarina a média permaneceu em R\$ 56,00.

O Rio Grande do Sul, assolado por enxurradas desde o início de julho, ainda não conseguiu encerrar seu plantio de trigo, tendo alcançado a 95% da área esperada até o início da presente semana. Ao mesmo tempo, as fortes chuvas e inundações vêm causando prejuízos pontuais nas lavouras em muitas localidades. Já no Paraná é a geada, particularmente desta semana, que preocupa, pois muitas lavouras se encontram em período sensível ao fenômeno.

Diante deste contexto, é possível que o Brasil não alcance mais a produção inicialmente esperada, além de haver, novamente, problemas de qualidade no grão a ser colhido. Dito isso, Santa Catarina informa um aumento de 7,8% na área semeada com trigo, esperando colher 182.000 toneladas de trigo neste ano, o que seria 17,5% acima do resultado anterior. Todavia, igualmente as intempéries estão atingindo os trigais catarinenses nestes últimos dias. Assim, a produção final brasileira, agora, já passa a ser uma incógnita, sendo necessário avaliar os diferentes estragos ocorridos até o momento nas lavouras semeadas nos três Estados do sul. Ou seja, o bom aumento na área semeada poderá ser frustrado, em termos de volume e qualidade produzidos, mais uma vez devido ao clima. Esse quadro vai mantendo os preços internos em elevação, assim como o custo de importação diante de um Real muito desvalorizado.